

Génese de Cabo Verde em *Nascimento de um Mundo*, de Mário Lúcio Sousa The genesis of Cape Verde in *Nascimento de um Mundo* by Mário Lúcio Sousa

CARLOS GONGA PASCOAL¹

Resumo: Neste ensaio aborda-se, de forma comparativa, a génese de Cabo Verde na obra poética *Nascimento de um mundo*, cujo autor é Mário Lúcio Sousa. O escopo principal é o de analisar criticamente a forma e o fundo de alguns textos poéticos da obra acima referida. Para a concretização do fito principal, os objetivos específicos passam por identificar os temas dos diferentes textos poéticos, bem como propor a leitura da obra em função do seu valor histórico-literário e da sua relação com a temática da génese de Cabo Verde. O estudo articula-se em três partes complementares: biografia do autor, forma e fundo dos textos poéticos e, por último, as conclusões sobre a maneira como os «eus» poéticos entoam o nascimento das ilhas cabo-verdianas.

Palavras-Chaves: Génese; Cabo Verde; *Nascimento de um Mundo*; Mário Lúcio Sousa.

Abstract: This essay addresses, in a comparative way, the genesis of Cape Verde in the poetic work titled *Nascimento de um Mundo* authored by Mário Lúcio Sousa. This study's primary objective is critically analyze the structure and contextual backdrop of selected poetic verses from the aforementioned literary work. To accomplish the primary objective, the particular aims include identifying themes present in various poetry texts, along with the proposition of an interpretative approach to these works based on their historical-literary significance and their connection to the topic of the genesis of Cape Verde. The study is divided into three complementary parts: biography of the author, form, and background of poetic texts, and, finally, the conclusions drawn about how the literary personas express the emergence of the Cape Verdean islands.

Keywords: Genesis; Cape Green; *Birth of a World*; Mário Lúcio Sousa.

==

¹ Instituto Superior de Ciências de Educação – Huambo, Angola; Instituto Superior Politécnico Católico do Huambo, Angola; Instituto Superior Politécnico Sol Nascente do Huambo, Angola. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9597-3889>.

Assim, creio eu, sucederam as coisas. / O nascimento de um Mundo é secular / mas foi um parto entusiástico e feliz / – cheio de dor.

(Sousa, 1991: 35)

1. Introdução

A epígrafe acima remete o leitor para a temática da génese de Cabo Verde na obra poética *Nascimento de um Mundo* (1991), de Mário Lúcio Sousa (Luís Matias de Sousa Mendes), apesar de o «eu» poético fazer referência ao cosmos universal. Por outro lado, a capa do livro analisado ao longo deste ensaio é bastante sugestiva e comunicativa, tendo em conta a associação entre a imagem do globo terrestre e a do mar, assim como as luzes das estrelas, dando a sensação de três realidades inseparáveis.

De acordo com vários teorizadores, este escritor é um dos representantes da poesia contemporânea do arquipélago de Cabo Verde, dentro da rica tradição do seu país, cujos ingredientes para o novo fazer literário se situam nos idos anos de 1936 a 1960, tendo como marco cultural a revista *Claridade*, fundada pelos jovens escritores Manuel Lopes, Baltasar Lopes da Silva, Osvaldo Alcântara e Jorge Barbosa. Sobre este assunto da moderna poesia cabo-verdiana, escutemos o que advoga Rubem dos Santos,

a moderna poesia cabo-verdiana surgiu em 1936, juntamente com a criação da revista *Claridade*. A poesia claridosa foi o estopim para o nascimento de uma literatura nativista, com temas oriundos das ilhas, que se relacionavam com o sentimento do ilhéu. A revista acolheu – ao longo de uma trajetória que vai de 1936 a 1960 – um grande número de jovens poetas, estabelecendo uma marca divisória bem clara entre o passado e o presente da vida literária cabo-verdiana, a começar pelos próprios fundadores da revista: Manuel Lopes, Baltasar Lopes da Silva/Osvaldo Alcântara e Jorge Barbosa, todos eles poetas preocupados em expressar poeticamente o sentir cabo-verdiano. (Dos Santos, 2012: 116)

Muito distante do tema dos seus antecessores, claridosos e evasionistas, preocupados com a problemática da questão da seca, ou seja, da estiagem nas ilhas cabo-verdianas, Mário Lúcio Sousa, em *Nascimento de um Mundo* – livro que assinala nova viragem na poesia cabo-verdiana –, com versos quentes e frios,² denunciativos da mudança temática, exalta, entre outros elementos, nos seus 10 cantos, a origem das ilhas de Cabo Verde. Porém, converge com os claridosos e os evasionistas em proclamar poeticamente o sentimento de cabo-verdianidade.

==

² Conforme a certeza do «eu» poético: «Para nós o sol nasceu aqui / porque no fundo dos vulcões / onde o fogo e a água se confundem / está o alimento dos sós, cuja referência / poderia ser esta textura derivada das pedras-pome [...]» (Sousa, 1988: 10).

Uma das características da obra deste escritor, composta no final do século XX, de 35 páginas, é a presença da coda no final de cada canto (os enunciados «coda» e «canto» são pertinentes, pois remetem para elementos da literatura ocidental), servindo, entretanto, de conclusão textual. Desta feita, a obra inicia-se com o texto «Prelúdio», mais nove cantos, cada um deles dedicado a uma ilha, e terminando com o texto denominado «Coda Geral». O tamanho dos cantos é variável. O mais longo é o Canto VI, dedicado à «única ilha com nome de mulher», na qual «a água é água e a sua ausência», Santa Luzia. Nesta ilha, de acordo com o sujeito poético, «a civilização foi anterior ao homem / a música anterior a cultura»; porém, atualmente, esta ilha «ficou entregue à intempérie dos bichos; / porque nasceu antes do tempo / e evoluiu ao invés» (Sousa, 1991: 22-23). O mais curto é o Canto III, designado de «Boa Vista».

Quanto à métrica, ao longo da obra é bastante diversificada. Por exemplo, no poema «São Nicolau» (Canto X), no primeiro dístico é notória a presença de versos livres e heterométricos, o mesmo sendo extensivo à segunda sextilha, assim como ao trístico que antecede os dois monósticos:

Antes de tropeçar com o amor
tropecei com as arores

2

No tronco de um embondeiro
resumiu-se para sempre o mundo:

«o Homem libertar-se-á dos animais
libertar-se-á das armas
libertar-se-á dos homens
e caminhará em direcção ao Homem»

3

A terra tinha crescido tanto
que podia cair de uma árvore
e agarrar-se às raízes

4

O mar aguenta o peso da lua

5

E os homens, o peso da terra [...]
(Sousa, 1991: 33).

A obra *Nascimento de um Mundo* pode ser classificada como um documento histórico e de história de Cabo Verde, porquanto o que sobressai de seus versos é o valor poético-documental que celebra a origem do arquipélago. Desta feita, a obra não deve ser tida como os mitos cosmogónicos e antropogénicos, embora os enunciados poéticos resvalam, por vezes, para este sentido. Diferente de ambos os mitos que pretendem sempre demonstrar e explicar, de forma sinóptica, situações históricas ou simbólicas sobre a origem do universo e do homem, ao longo dos enunciados poéticos é visível, em muitas ocasiões, a presença emotiva do autor. Aliás, esta é uma das características do texto lírico.

O nosso objetivo principal consiste em analisar criticamente a forma e o fundo de alguns textos poéticos da obra literária *Nascimento*

de um Mundo. Para a concretização do fito principal, os objetivos específicos passam por identificar os temas dos diferentes textos poéticos desta obra, bem como propor a sua leitura em função do seu valor histórico-literário e da sua relação com a temática da génese de Cabo Verde.

Por se tratar de uma análise poético-literária, o nosso campo de ação difere de um estudo de caso. A reflexão cingir-se-á, entretanto, a *Nascimento de um Mundo*. Para tal, adotaram-se os seguintes procedimentos metodológicos: primeiro, fez-se a releitura dos textos poéticos que compõem a obra; segundo, selecionamos apenas alguns, em função dos objetivos do estudo.

Na mesma senda, recorreremos à pesquisa bibliográfica dos diversos críticos cujos estudos versam sobre o tema da nossa investigação, pois a ciência exige a participação e o recurso a outros investigadores. Valemo-nos, igualmente, da biografia do poeta, que nos facilitou o conhecimento da vida e obra de Mário Lúcio Sousa, porquanto o texto literário está, por vezes, relacionado ao contexto do seu autor. Por fim, adotamos uma aproximação hermenêutica, que proporcionou a interpretação histórico-literária da obra.

À luz da obra em estudo, afigura-se importante, neste momento, apresentar, de forma sinóptica, a biografia do autor.³ Como se sabe, o político, cantor, compositor, escritor e pensador Mário Lúcio Sousa nasceu na vila do Tarrafal de Santiago, Cabo Verde, a 21 de outubro de 1964, e é licenciado em Direito (Sousa, 1991). Dada a sua veia artística e política, é uma das personalidades mais conhecidas, atualmente, no seu país. Recebeu, entre outros, o Prémio do Fundo Bibliográfico da Língua Portuguesa (2000), o Prémio Carlos de Oliveira de Ficção (Portugal, 2010), o Prémio Miguel Torga – Cidade de Coimbra (2015). Foi condecorado, em 2006, juntamente com a rainha da morna, Cesária Évora, com a Medalha de 1.ª Classe da Ordem do Vulcão.⁴ O escritor publicou diversas obras de poesia e prosa, tais como: *Nascimento de um Mundo* (1991); *Sob os signos da luz* (1992); *Para nunca mais falarmos de amor* (1999); *Vidas paralelas* (2002); *O novíssimo testamento* (2010); *Biografia do língua* (2015); *O diabo foi meu padeiro* (2019); e a *Última lua de homem grande* (2022).

Para além da atividade artística, exerceu diversos cargos no aparelho governativo de Cabo Verde. Foi deputado (1996 a 2001), conselheiro do ministro da Cultura (1992) e ministro de Cultura e Artes (2011 a 2016).

==

³ Parte das informações biográficas usadas neste ensaio foram recolhidas no sítio oficial de Mário Lúcio Sousa (cf. Lucio, s.d.).

⁴ Normalmente, este reconhecimento é atribuído pelo Presidente da República de Cabo Verde a personalidades nacionais e estrangeiras cujos trabalhos contribuem para elevação da nação cabo-verdiana. Este reconhecimento já foi feito, a título ilustrativo, a João Lopes Filho (2017), Eugénio Tavares (1995), Gil Semedo (2011) e Amélia da Lomba (2012).

Em suma, Mário Lúcio Sousa é um homem multifacetado cuja produção artística e cultural revela um compromisso com a mãe-pátria Cabo Verde. Cantor, pensador e escritor, será sempre tido como um dos grandes representantes da moderna poesia cabo-verdiana, e não só, pois tem uma substancial obra em prosa, repetidas vezes premiada, sem desmerecer os outros escritores da sua geração.

2. «Prelúdio»: génese de Cabo Verde

De início, «Prelúdio», poesia de Mário Lúcio Sousa, antecipa de forma assertiva os diferentes temas, apesar de subjetivos, da sua obra, ou seja, o que os diferentes sujeitos líricos irão entoar ao longo de *Nascimento de um Mundo*. Ora, não se trata do nascimento do mundo em si, mas, sim, do nascimento das ilhas de Cabo Verde, donde o autor ter anteposto o indefinido ao substantivo, «um Mundo», como sinal de individualização. O nascimento das ilhas tem vários séculos, porém, resultaram de um parto dor-prazeroso, conforme se pode ouvir na coda geral do livro:

Assim, creio eu, sucederam as coisas.
O nascimento de um Mundo é secular
mas foi um parto entusiástico e feliz
– cheio de dor.
(Sousa, 1991: 35)

Por outro lado, «Prelúdio» remete para a narrativa da criação do mundo, do primeiro livro hebraico ou cristão: «no princípio, Deus criou

os céus e a terra. [...] Então Deus disse: que as águas debaixo dos céus se juntem num só lugar, e apareça terra seca. E assim aconteceu» (Gn 1, 1 e 9-10).

De acordo com o sujeito lírico, diferente da «terra seca» do cosmos que resulta da junção das águas num único lugar, as ilhas de Cabo Verde nasceram do mar que abriu o barro «como uma boca ou flor» que o fechava:

O prenehe barro que sustinha o mar
abriu-se como uma boca ou uma flor
e o sopro de um deus imaginário
– que já existia antes de Deus –
fez abrir um pedaço do Mundo
cuja alma já não cabia no corpo...
e nasceram as ilhas
que nadavam e nadavam
(Sousa, 1991: 7)

Nesta oitava irregular, realça-se o pleonasma do último verso (redondilha maior), «que nadavam e nadavam». O autor pretende com ele expressar melhor a ideia inicial, o nascimento das nove ilhas: Fogo, Sal, Santa Luzia, São Nicolau, Boa Vista, Brava. Na mesma senda, à luz do «eu» poético, as ilhas elencadas «nasceram nadando como as crianças nascem chorando» (Sousa, 1991: 7). O uso do gerúndio dos verbos «chorando» e «nadando», bem como a comparação entre as ilhas e as crianças, denota um estado permanente da sua nascença, ou seja, as ilhas, tal como as crianças, estão em permanente nascimento em cada contexto histórico.

Na segunda quintilha, por meio do uso da conjunção adversativa «mas», o sujeito poético canta o aparecimento das ilhas e das crianças, pese embora estas sejam diferentes:

mas no gérmén tudo é diferente:
as crianças nadam muito tempo antes de
chorar
e as ilhas choram muito tempo antes de
nadar
os dois prantos sob o signo de um parto
mestiço
de água e fogo. (Sousa, 1991: 7)

O quarto e o quinto versos aludem à criouldade cabo-verdiana, daí o sujeito lírico ter circunstanciado o parto como misto de «água e fogo». Continuando, os substantivos «água e fogo» são elementos representativos dos ilhéus. O tema da criouldade convida o leitor para o pensamento de Sérgio Neto, que, apoiando-se no estudo de António Carreira, *O crioulo de Cabo Verde. Surto e expansão*, postula o seguinte:

Descoberto em 1460, pelos navegadores portugueses, o arquipélago de Cabo Verde, composto por dez ilhas e alguns ilhéus, foi ocupado e colonizado a um ritmo lento que durou vários séculos. Colonos europeus e escravos africanos contaram-se entre os seus primeiros habitantes, dando origem a uma população maioritariamente mestiça. (Neto, 1983: 1)

Atentemos nos seguintes versos, que, cremos, constituem a espinha dorsal do poema, razão

pela qual o autor os destaca em maiúsculas. O poeta concebeu-o com o escopo de, além de mostrar a divisão do seu texto, enumerar os três elementos que estão na base da origem da pátria de Amílcar Cabral:

(a)
LUZ
LAVA e
DOR.
(Sousa, 1991: 7)

Como se percebe, o sujeito poético diz com muita simplicidade que o nascimento das ilhas é, à luz do presente enunciado, dor-prazeroso. Por outro lado, estes versos monossilábicos e dissilábicos catapultam, novamente, o leitor para o texto sagrado, segundo o qual

Deus disse: que haja luz. Então houve luz. Depois disso, Deus viu que a luz era boa, e Deus começou a separar a luz da escuridão. Deus chamou à luz dia, mas à escuridão chamou noite. E houve noite e houve manhã, primeiro dia. (Gn 1, 3-5)

Ao contrário do texto poético, as Escrituras não fazem referência à lava, nem à dor. O nascimento das ilhas foi especial, diferente do resto da Terra, talvez porque é obra do «sopro de um deus imaginário / – que já existia antes de Deus» (Sousa, 1991: 7), isto é, do Deus inventado por uma parcela da humanidade. Confrontando estes versos com os do poema «Panorama», de Jorge Barbosa, verifica-se que o cântico da origem de Cabo Verde já está

presente entre os seus antecessores. Por meio do «eu» poético, o claridoso procura entoar a origem das ilhas cabo-verdianas; para tal, utiliza frequentemente a interrogação retórica:

Destroços de que continente,
de que cataclismo,
de que sismos,
de que mistérios?...
Ilhas perdidas
no meio do mar,
esquecidas
num canto do mundo

[...]

Montes àlérta
nos seus contorcionismos estáticos
de séculos
rindo para o oceano gargalhadas
que ficaram apenas começadas,
sorrindo para o céu esgares enigmáticos
como que evocarem o drama milenária...
(Barbosa, 2017: 9-11)

Continuando, a anáfora dos versos de Mário Lúcio Sousa, «dez embriões num ventre /, dez vozes num parto, dez ilhas no mar e / dez mares para conter a alegria do meu peito [sic]» (Sousa, 1991), traça o mapa geográfico do arquipélago de Cabo Verde, na medida em que ele se estende por cerca de 4033 km² e foi formado pela acumulação de rochas, resultantes de erupções na superfície das plataformas submarinas. À exceção das ilhas da Boavista, do Sal e do Maio, o relevo do arquipélago é acidentado, com altitudes que ultrapassam os

1000 metros em algumas ilhas, atingindo os 2.882 m na ilha do Fogo, o ponto mais elevado de todo o país.

Eu assisti ao nascimento de um mundo
ali onde se gerou o fogo
que gerou o fogo
e ficou elevado o umbigo da terra
ou vulcão
(Sousa, 1991: 8)

O primeiro verso, «Eu assisti ao nascimento de um mundo», não dialoga com o nascimento das ilhas, porque elas são anteriores ao poeta, ou seja, elas existem muito antes e são independentes do escritor. Logo, entende-se que o tempo proposto pelo enunciado é importante no processo afirmativo do cântico do sujeito poético. Por outro lado, converge com a data de nascimento do escritor, 1964, conforme se percebe neste verso: «e eu mil novecentos e sessenta e quatro anos atrás» (Sousa, 1991: 8). Na mesma narrativa, estes versos evocam as origens mais remotas do poeta.

Em suma, o texto «Prelúdio» catapulta o leitor para a origem das diversas ilhas de Cabo Verde. Segundo o sujeito lírico, as nove ilhas têm a sua génese há milhares de séculos. Ao longo do poema, o «eu» poético socorre-se da associação de diversas imagens e elementos da natureza cabo-verdiana, como a água, o mar, o fogo, o barro, entre outros. Por outro lado, salienta-se a intertextualidade deste texto com o livro do Génesis, bem como a relação temática com o poema de Jorge Barbosa.

3. Nascimento da ilha do «Fogo»

Ao contrário do primeiro poema, onde os versos, do ponto de vista da métrica, são mais curtos, porém com bastantes nasalizações e rimas externas, no poema intitulado «Fogo», dividido em duas partes (gestação e nascimento), o sujeito poético tem a intenção comunicativa de cantar, nos seus versos longos e menos nasalizados, o nascimento da segunda ilha cabo-verdiana a ser povoada, desejando que ela «seja ilha e mãe das ilhas» (Sousa, 1991: 10), uma vez que nela se situa o ponto mais alto do país. Para o efeito, no primeiro verso recorre ao herói da mitologia grega, Prometeu, muito amigo de Zeus. Como se sabe, Prometeu, desejando favorecer os homens, rouba o fogo do Olimpo. Daí a associação com a ilha do Fogo, descoberta em maio de 1460:

Prometeu
prometeu e deu: eis a essência do ícone:
«O fogo nascerá do sexo das madeiras, da
sua fricção erótica».
(Sousa, 1991: 9)

A referência ao mito do Prometeu estende-se a muitos autores da moderna literatura africana de expressão portuguesa. A título ilustrativo, salientamos *Prometeu* (2016), do escritor angolano António Jacinto; Pepetela, em *Mayombe* (1979), também explora este mito. Subentende-se que os autores africanos recorrem à figura deste herói, em função do seu carácter de partilha caritativa com os humanos e, sobretudo, por ter sido o responsável

pela criação, por meio do barro, do cosmos e por desafiar os deuses, roubando-lhes o fogo, um privilégio, para o dar a quem o não tem.

Um dado importante neste poema é a referência à biblioteca da cidade portuária do Mediterrâneo, Alexandria, bem como a evocação dos filósofos gregos Epicuro de Samos e Tales de Mileto, ilustrando o conhecimento que o autor tem da cultura grega.

Realça-se igualmente a tríade autor-texto-contexto, *id est*, todo o texto literário está sempre influenciado pelo contexto do seu autor, pese embora alguns autores advoguem o contrário. No entanto, no texto em análise, o sujeito poético cita, novamente, o ano de nascimento de Mário Lúcio Sousa, o que não autoriza leituras biografistas, nem que o texto possa ser lido e interpretado em outros tempos e latitudes:

e eu que já estava semeado
para nascer mil novecentos e sessenta e
quatro vezes
– até nascer de uma vez
Já velho na memória das ilhas
(Sousa, 1991: 9)

De acordo com o sujeito lírico, a ilha do Fogo nasce «ante o silêncio do mar e da terra», pois a «ilha do fogo / queimou-se de véspera / para nascer contra natura / afogada no fogo / – entre a água e o lume» (Sousa, 1991: 9). O oxímoro «afogada no fogo» salienta a força da natureza e a exceção deste espaço,

cujo nascimento resulta da colaboração entre elementos opostos, isto é, incompatíveis.

A sextilha irregular composta de rimas assonantes, «para nós o sol nasceu aqui / porque no fundo dos vulcões / onde o fogo e a água se confundem / está o alimento dos sóis [*sic*], cuja referência / poderia ser esta textura derivada das pedra-pomes» (Sousa, 1991: 10), caracteriza a ilha do Fogo como a área geográfica onde os vulcões são constantes, e isto prejudica bastante o povo ilhéu, pois tem o mar como a sua fonte de alimento. Apesar disto, assiste-se ao cultivo de uvas e café, entre outras culturas. Ao mesmo tempo, este excerto pode ser associado ao mito da criação do sol, em *Antes o Mundo não existia: Mitologia dos antigos Desana – kêhíripõã*,

A Avó do Mundo, vendo que o bastão estava erguido, cumpriu a sua palavra de guiar o seu bisneto. Ela enfeitou a ponta do bastão com penas amarradas, enfeites próprios deste bastão, masculinos e femininos, e esse adorno ficou brilhando de diversas cores: branco, azul, verde, amarelo. Enfeitou-o ainda com um tipo de brincos ou pingentes, de feição masculina e feminina. Ela fez isso no cume da Torre do Mundo. Com esses enfeites, a ponta do bastão ficou brilhando. Aí, transformou-se, assumindo um rosto humano. E deu luz onde havia escuridão até os confins do mundo. Era Abe, o Sol que acabava de ser criado. Assim apareceu o Sol. (Lana e Lana, 1995: 24)

O poema em análise remete o leitor para uma associação de vários elementos do cosmos, tais como: mar, terra, água, fogo, chama, cinzas, luz, sol, noite, dia. A agregação destes elementos torna o poema mais intenso ao longo da sua leitura, permitindo vislumbrar a imagem de um vulcão.

Em suma, logo após a «gestação da ilha», Prometeu ordenou que o fogo «seja ilha e mãe das ilhas», onde «a chama do amor nunca se apaga». Nesta terra, «os homens nasceram queimados / e as mulheres cheirando a fogo: / serão pois felizes os meninos» (Sousa, 1988: 10).

4. Descoberta inesperada: «Boa Vista» e «São Nicolau»

A descoberta pelos desconhecidos leva-nos à viagem marítima dos portugueses e consequentemente ao encontro com as ilhas, bem como ao surgimento da ilha de São Nicolau, embora esta tenha uma promanação diferente, com base na enunciação do sujeito poético.

Optou-se por se estudar estes dois poemas de forma simultânea, em função das suas similaridades no fundo e na forma, pois ambos são textos carregados de imagens fortes e singulares de Cabo Verde, apesar de o primeiro, «Boa Vista», ser menos longo, com versos, por vezes, mais curtos, mas que encerram, no seu âmago, a visão do «eu».

Em «Boa Vista», na primeira septilha (de versos irregulares), o poeta começa por

abordar a chegada dos portugueses à ilha com este nome por meio da agramaticalidade na construção de certas palavras, «per Dido», «calHAU», «iLHÉU», na medida em que, quanto à ortografia das palavras, as normas da gramática normativa são tão claras quanto as regras. Já o destaque da expressão «per Dido», à luz do sujeito poético e da sua intenção comunicativa, assinala que os portugueses não tinham intenção de atracar na ilha, facto que ocorreu por força do destino, daí o dissilábico «calhou», bem como os enunciados que indicam o tempo («por então», «e de repente») e o substantivo escrito em letras maiúsculas, «Ilha»:

Por então
Os portugueses estavam perdidos, digo, per
Dido
e de repente
calhou
calHAU
iLHéu
ILHA
(Sousa, 1991: 14).

A sétima acima pode ser associada às palavras de Roberta Alves, para quem

O arquipélago ficou desabitado até ao século xv, quando exploradores portugueses descobriram e colonizaram as ilhas, estabelecendo assim o primeiro povoamento europeu nos trópicos. Porque as ilhas de Cabo Verde estavam idealmente localizadas para desempenhar um papel no comércio de escravos do Atlântico, tornou-se economicamente próspero durante os séculos

xvi e xvii, atraindo mercadores, corsários e piratas. [...] Em 1951, Cabo Verde foi incorporado como departamento ultramarino de Portugal, mas os seus habitantes continuaram a fazer campanha pela independência, que alcançaram em 1975. (Alves, 2023: s.p.)

Tendo em conta o exposto, vale a pena, de novo, citar o poema «Prelúdio» de Jorge Barbosa. De acordo com o enunciado,

Quando o descobridor chegou à primeira
ilha
nem homens nus
nem mulheres nuas
espreitando
inocentes e medrosos
de trás da vegetação.
[...]
Havia somente
as aves de rapina
de garras afiadas
as aves marítimas
de vôo largo
as aves canoras
assobiando inéditas melodias.
[...]
Quando o descobridor chegou
e saltou da proa do escaler varado na praia
enterrando
o pé direito na areia molhada
e se persignou
receoso ainda e surpreso
pensando n'El-Rei
nessa hora então
nessa hora inicial
começou a cumprir-se
este destino ainda de todos nós
(Barbosa, 2017: 20-23)

Note-se que, quanto ao título, o texto de Jorge Barbosa assemelha-se ao «Prelúdio» de Mauro Lúcio Sousa; porém, divergem no que diz respeito ao fundo. O primeiro texto, tal como se pode ler, evoca a chegada dos portugueses ao arquipélago; o segundo, contrariamente, celebra o nascimento das ilhas cabo-verdianas.

Além disso, importa referir que, com base na voz do «eu» poético, a descoberta dos desconhecidos é-nos apresentada como o encontro de «dois velhos amigos», todavia, «dois novos inimigos» (portugueses e cabo-verdianos), cujos planos haviam sido premeditados. Por quem? Ora, escutemos:

E encontrámo-nos como dois velhos amigos
como dois novos inimigos – e vice versa –
e descobrimos as nossas misérias humanas,
que como dois míseros,
e como o cego e a sua bengala
se pressupõem sem ser contrários
e jamais se prescindem.
(Sousa, 1991: 14)

Embora o poeta tivesse entoado o hino da igualdade e da inteireza de maneira subjetiva, ao longo da colonização portuguesa nesta ilha – este dado é extensivo para as demais ilhas – assistiu-se à subjugação e humilhação dos cabo-verdianos, vistos como seres irracionais, sem personalidade ético-moral, o mesmo facto podendo ser dito de outros países da África de expressão portuguesa, como Angola, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe.

A metáfora do cego e a sua bengala, «e como cego e a sua bengala / se pressupõem sem ser contrários / e jamais se prescindem» (*Ibidem*), serve de elemento ilustrativo da relação interdependente entre Portugal e Cabo Verde, ou seja, ambos os países precisam um do outro para a construção e edificação das suas nações. Logo, de acordo com o sujeito lírico, é com base na relação de igualdade que os dois países poderão ultrapassar as suas «misérias humanas».

Por sua vez, em «São Nicolau», Canto X, compartimentado em 10 secções interdependentes, com alguns monósticos, dísticos, tercetos, sextilhas, entre outros, o sujeito poético canta (no primeiro dístico) o contacto com esta ilha. Antes de conhecer os habitantes, conheceu-a, por isso, muito «antes de tropeçar com o amor / tropecei com as árvores» (Sousa, 1991: 24). O substantivo «amor» substitui, neste trecho, os habitantes da ilha. De igual maneira, «árvore» refere-se à ilha de São Nicolau.

A imagem do embondeiro (árvore de capital importância nas cerimónias e ritos tradicionais africanos, como o nascimento e a morte, símbolo de unidade entre os seres vivos e os mortais) é o elemento gravitacional de todo o discurso. Por isso, o poeta recorre a ela como símbolo de unidade nacional:

o Homem libertar-se-á dos animais
libertar-se-á das armas
libertar-se-á dos homens
e caminhará em direção ao Homem
(Sousa, 1991: 33)

Na segunda estância do poema, o «eu» poético revela com bastante sinceridade que conheceu a ilha nascida do «tronco de um embondeiro» (Sousa, 1991: 33) e os seus diferentes grupos étnicos: «o amor encontrei / as árvores também / tro/pe/cei com o amor e as árvores» (Sousa, 1991: 34). Por esta razão, afirma:

Aprendi a contar nos dedos
e contei quinhentas e quinze luas novas
para que eu tivesse uma ao alcance da mão
saí aos sete ventos a cantar o meu júbilo
[...]
(Sousa, 1991: 34)

Contudo, com base na coda deste poema, entende-se que a ilha de São Nicolau permaneceu desconhecida nas demais partes do Mundo, pese embora os portugueses já tivessem encontrado a ilha de Boa Vista. De igual modo, as ilhas cabo-verdianas precedem os descobridores portugueses e os filhos da pátria.

5. Conclusão geral

Chegados até aqui, somos levados a afirmar que, Mário Lúcio Sousa, ao lado dos seus coetâneos, é um dos expoentes máximos da literatura contemporânea de Cabo Verde. Neste diapasão, e com base nos textos estudados, entende-se que a obra literária e poética *Nascimento de um Mundo* canta, no seu âmago, a génese de Cabo Verde. Por outro lado, sublinha-se o rigor linguístico e gramatical, bem como a coesão e coerência na construção

frásica, tornando a obra mais tensa. Além da intertextualidade com o livro bíblico e com Jorge Barbosa, Mário Lúcio Sousa apresenta diversidade de referências da cultura ocidental com as quais dialoga.

Recomenda-se a leitura da obra deste escritor-político, tendo em conta o seu valor literário e histórico dentro da atual literatura de expressão portuguesa, especificamente cabo-verdiana, pois ajudará na compreensão e interpretação da vida e cosmovisão dos ilhéus. De facto, o escritor advoga, por meio do sujeito lírico, o que «nasceu um Mundo / outro surgiu / sobrevive um desconhecido inda [sic]» (Sousa, 1991: 34). Um Mundo desconhecido pelos próprios cabo-verdianos, africanos e europeus.

Bibliografia

Impressa

- Barbosa, J. (2017). *Arquipélago*. Pedro Cardoso Livraria. Praia;
- Da Silva, F.F. (2014). Novas tendências da poesia cabo-verdiana: Escritores heterônimos de si próprios. *Contexto*, **25**: 49-79. Rio de Janeiro;
- Lana, F.A. e Lana, L.G. (1985). *Antes o Mundo não existia – Mitologia dos antigos Desana*. UNIRT. São João Batista do Rio Tiquié;
- Santilli, M.A. (2007). *Literaturas de língua portuguesa: Marcos e marcas*. Arte e Ciência. São Paulo;
- Sousa, M.L. (1988). *Nascimento de um Mundo*. Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco. Cabo Verde;
- Sousa, M.L. (2015). *Biografia do língua*. Dom Quixote. Lisboa.

Digital

Alves, R.M.F. (2023, 9 de novembro). A literatura de Cabo Verde. *LiterAfro – O Portal da Literatura Afro-Brasileira*. Acedido em 27 de maio de 2026, em: <https://www.lettras.ufmg.br/literafro/literafricas/literatura-cabo-verdiana/1558-a-literatura-de-cabo-verde-roberta-maria-ferreira-alves>;

Dos Santos, R.P. (2012). Poesia cabo-verdiana contemporânea – A poética de José Luís Tavares. *Via Atlântica*, **13**, 2: 122-126. Acedido em 2 de março de 2023, em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/51685/55751>;

De Oliveira, J.P. (2021). *A utopia no romance Biografia do Língua de Mário Lúcio Sousa*. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa. 107 pp. Acedido em 3 de março de 2023, em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/115911/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20%28vers%C3%A3o%20corrigida%20-%20pdf%29.pdf>;

Lucio, M. (s.d.). *MarioLucio*. Acedido em 20 de novembro de 2022, em: <https://www.mario-lucio.com>.